

Comunicação Antirracista Feita por Mulheres Negras: Do Pensamento Decolonial à Produção de Conteúdo¹

Aline Lisboa²

Diuan Santos Feltrin³

Raquel Cabral⁴

Universidade Estadual Paulista

RESUMO

A pesquisa em questão tem como proposta estabelecer articulações teórico-empíricas entre abordagens dos estudos decoloniais, com base em autoras negras latino-americanas, e práticas comunicacionais feitas por mulheres negras na contemporaneidade. O principal objetivo é destacar a relevância de proposições midiáticas alternativas, de cunho informativo, articulando as abordagens teóricas dos estudos decoloniais com a produção de conteúdo na área de comunicação. Para tanto, utilizamos em nosso estudo de caso os portais *Notícia Preta*, fundado em 2018 pela jornalista Thaís Bernardes; e o portal *Mundo Negro*, lançado em 2001 pela jornalista Silvia Nascimento. Ambos têm como foco o questionamento de modelos hegemônicos e a busca por alternativas diferenciadas na construção de pautas informativas. Metodologicamente, utilizamos a pesquisa bibliográfica e uma análise de caráter empírico acerca dos portais mencionados. Os resultados esperados integram uma articulação entre o campo das teorias decoloniais, especialmente formado por autoras negras da América Latina, e o viés prático comunicacional, representado aqui pelos portais antirracistas, de caráter informativo.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação antirracista; Estudos decoloniais; Mulheres negras; Portais informativos.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão tem como foco propor articulações teóricas entre comunicação, decolonialidade e questões étnico-raciais, em um viés próprio da comunicação midiática em uma proposição antirracista. O papel social desenvolvido por

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 02 - Comunicação antirracista e pensamento afrodiáspórico, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutora pelo Programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia e doutoranda pelo Programa de Comunicação da Universidade Estadual Paulista. E-mail: aline.lisboa@unesp.br.

³ Doutorando do programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da UNESP (Universidade Estadual Paulista) de Bauri-SP. Desenvolve pesquisa com auxílio da FAPESP - processo nº 2022/07502-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: diuan.feltrin@unesp.br.

⁴ Doutora em Comunicação pela Universitat Jaume I (Espanha) e docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: raquel.cabral@unesp.br

esse tipo de mídia possui um significado não apenas simbólico, mas sobretudo político e histórico, já que em sua dimensão espaço-temporal, a mídia tradicional tratou de reforçar, muitas vezes, a desigualdade e o preconceito étnico-racial do qual a população negra foi alvo.

Estabelecer novos paradigmas, que pautam as publicações jornalísticas na atualidade é uma forma de promover mecanismos diferenciados para a criação de outros olhares acerca do povo negro, permitindo seu protagonismo livre de estereótipos e a partir de olhares da própria comunidade negra, já que muitas dessas mídias antirracistas são formadas por profissionais pretos e pardos.

Em nossa proposta trazemos como possibilidades discursivas na mídia antirracista os portais *Mundo Negro* e *Notícia Preta*, ambos fundados por jornalistas negras, que encontraram na comunicação midiática um espaço legítimo para fortalecer a redução das desigualdades, a equidade de gênero e promover a disseminação de pautas inclusivas sobre a população negra no Brasil.

As práticas comunicacionais que servem aqui de objeto de estudo estão amparadas em uma perspectiva dos estudos decoloniais, afinal promovem uma reversão na lógica instituída socialmente, trazendo para o centro grupos subalternizados, valorizando seus saberes e propondo a construção de conhecimento avessa a uma lógica colonial.

Em nossa metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica, com base, principalmente, em autoras de origem latino-americana, como María Lugones, Heloísa Buarque de Hollanda; algumas delas negras, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Joice Berth, dentre outras, que perfazem as discussões teóricas as quais orientam o percurso teórico-epistemológico aqui traçado acerca do pensamento decolonial.

No que concerne ao cenário da mídia alternativa e questões da democracia destacamos Daniela Maria de Lacerda, que trata em sua pesquisa sobre o jornalismo independente no Brasil; Eloísa Nos Aldás, sobre educação e cidadania; e utilizamos alguns dados fornecidos pelo Mapa do Jornalismo Independente do Brasil⁵, criado pela Agência Pública – Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo, além de dados do

⁵ A Agência Pública criou um mapa do jornalismo independente do Brasil, com uma metodologia própria organizada a partir de 4 critérios. Mais informações podem ser conferidas no link: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/metodologia/>

FOPIR⁶ – Fórum Permanente pela Igualdade Racial, que realizou em 2022 um mapeamento da mídia negra no Brasil, fortalecendo a importância desta e seu potencial na construção de narrativas contra hegemônicas.

DECOLONIALIDADE E COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

Em nosso país perpetua-se uma herança colonial de violência contra mulheres negras, que tiveram experiências diferenciadas em relação ao sistema de opressão, dada as circunstâncias históricas que remontam suas vivências, tanto de apagamento identitário, quanto de erotização e exploração da força de trabalho e de seus corpos, como afirma Carneiro (2019, p. 313) na seguinte passagem:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina dessas mulheres.

Neste sentido, as teorias decoloniais buscam desmistificar o mito da democracia racial, articulando essa desconstrução junto às questões de gênero, promovendo, veementemente, o enfrentamento à violência contra a mulher negra, especialmente pelo fato das pesquisas apontarem altas taxas de feminicídio, ou seja, crimes de ódio, interligados à morte, motivados pela condição de gênero (Gonzalez, 2020).

Isto posto, percebemos a necessidade em encontrar espaços na mídia que pluralizem os discursos e tornem as agendas de luta das mulheres pretas legítimas, examinando ainda o papel transformador do ativismo digital (Hollanda, 2018) na comunicação popular e suas relações com questões de autonomia, resistência e empoderamento dessas mulheres.

Deste modo, consideramos salutar interligar a perspectiva empírica desta pesquisa em conformidade com os conceitos abordados tanto por Patrícia Hill Collins (2019),

⁶ Mapeamento sobre mídias negras realizado pela FOPIR EM 2019 pode ser consultado com mais detalhes aqui: http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2020/08/ebook_mapeamento_da_midia_negra-1.pdf

quanto por Joice Berth (2020) sobre o termo “empoderar”, em especial interligando-o à perspectiva do feminismo negro, em um sentido decolonial.

Elucidando o debate das autoras, em um contexto brasileiro, podemos associar a ativação epistemológica do que seria esse “empoderamento” de mulheres pretas também para uma nova concepção acerca do cenário midiático alternativo, com um enfoque antirracista, que segundo Lacerda (2016, p. 65): “começa a exibir uma maior diversidade, em sintonia com as mudanças sociais ocorridas no início do século XXI no país”. Deste modo, percebemos que portais de notícias como *Mundo Negro* e *Notícia Preta* servem como mediadores culturais significativos no enfrentamento não só ao racismo, como também à pautas transversais interseccionais como sexismo, machismo, homofobia, na tentativa de promover o empoderamento de grupos subalternizados.

MÍDIA NEGRA: POTENCIALIDADES COMUNICATIVAS DOS PORTAIS *MUNDO NEGRO* E *NOTÍCIA PRETA*

Como destaca Collins (2019, p. 433): “o pensamento feminista negro ressalta a importância do conhecimento para o empoderamento”, e pensando a função social dos portais de notícias como difusores de informação e conhecimento sobre pautas pretas, além de espaços mediadores para fortalecer e promover o empoderamento dessa população, elucidamos as relações existentes entre os portais *Mundo Negro* e *Notícia Preta* e as propostas das teorias decoloniais, quando lançam, por exemplo, reflexões acerca do giro decolonial (Lugones, 2020) ou ainda quando trazem à tona temas como empoderamento de populações subalternizadas.

Deste modo, observamos como tanto o portal *Mundo Negro*, quanto o *Notícia Preta* operam como uma espécie de espaços de comunicação educativa, utilizando neste caso a informação como instrumento da própria educação antirracista, aqui em um espaço educativo não formal e mais em um sentido midiático. É o que destaca Eloísa Nos Aldás (2010, p. 114), quando afirma que:

O desafio da comunicação educativa é mostrar as realidades que lhe preocupam, manifestar suas causas, transmitir os motivos por que considera que devem ser abordadas e fazer chegar suas propostas de mudança. E sempre adotando a emoção necessária, através das possibilidades do discurso, para que os públicos lhe prestem atenção e as incorporem no seu pensamento e na sua atitude.

Consideramos, desta forma, a proposta da mídia antirracista como multidisciplinar, abarcando não apenas um sentido de educomunicação e cidadania, como também uma proposição ativista de enfrentamento à violência, contribuindo para desenvolver um pensamento comunicacional popular, de cunho decolonial, na América Latina e, sobretudo, no Brasil.

E em se tratando de transformação social, o portal *Notícia Preta*, além de funcionar como um portal de notícias de cunho jornalístico/informativo, também se preocupa com a educação antirracista, a partir da Escola de comunicação antirracista⁷, desenvolvendo atividades formadoras tanto com adolescentes e jovens, como com adultos. A partir da oferta de turmas nas modalidades on-line e presencial é possível que famílias com renda de até dois salários-mínimos tenham acesso à conteúdos que envolvem pautas da comunicação antirracista, como História da Imprensa Negra ou ainda Semiótica Antirracista, dentre outros.

Um ponto fundamental dos conteúdos abordados nos dois portais é que muitos deles além de trazer como foco pautas étnico-raciais, promovem o entrelace com outros temas necessários, como as questões de gênero, em especial discussões sobre mulheres pretas na sociedade. O tema da ancestralidade e subtópicos que o atravessam são constantes. Por exemplo, no portal *Mundo Negro* estão presentes notícias e reflexões sobre alimentação, religiosidade e cultura acerca desses povos ancestrais.

Além disso, notícias sobre personalidades negras, no Brasil e no mundo, além de situações que envolvem comunidades pretas são amplamente noticiadas e, de modo recorrente, aparecem nos portais. Algo importante, que observamos, é como as pautas se intercalam entre notícias de cunho jornalístico, que envolvem temas como violência contra a população negra, e matérias explorando o universo da cultura preta de modo positivo, através de conteúdos como moda, culinária e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o que percebemos das relações existentes entre as discussões levantadas pelas teorias decoloniais e as práticas comunicacionais na atualidade é que a última

⁷ Mais informações sobre a Escola de Comunicação Antirracista podem ser acessadas aqui: <https://escolaantirracista.com.br/>

promove, de modo empírico, as proposições da primeira. Seja por meio de sua função mediadora enquanto meio de comunicação em uma proposição alternativa, seja mediante políticas que envolvem educação e cidadania, diante do papel formador que a mídia também possui na sociedade.

O papel exercido pelos portais *Mundo Negro* e *Notícia Preta* além de serem fundamentais na construção de uma sociedade mais equânime, promovem tentativas de reverter a lógica colonial a partir do empoderamento da população negra, construindo espaços legítimos para o debate de suas pautas, e representando essa categoria de forma responsável e com novas possibilidades, como diria Milton Santos.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**: consciência em debate. São Paulo: Editora Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA. Disponível: <https://escolaantirracista.com.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloísa. Buarque. de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LACERDA, Daniela Maria de. **O jornalismo independente no Brasil e a busca da credibilidade perdida**. Dissertação de Mestrado – Comunicação. Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 121. 2016.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MUNDO NEGRO. **Portal de notícias**. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

NOS ALDÁS, Eloísa. Repensar e reaprender a comunicação para uma cidadania cosmopolita. In: JALAL, Vahideh Rabbani (Org.). **Estudos para paz**. Aracaju: Editora Criação, 2010.

NOTÍCIA PRETA. **Portal de Notícia Antirracista**. Disponível: <https://noticiapreta.com.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.